



Sandra Patrícia Sousa Ferreira

Nº 21363

Incendiários- entre os *media* e a realidade

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Ana Rita Conde Dias

Instituto Universitário da Maia

Julho, 2015

Agradecimentos

As relações humanas e conseqüentemente as repercussões inerentes delas moldam o nosso dia-a-dia, o que possibilita que todos os passos dados nunca sejam feitos sozinhos. Por isso mesmo sou grata a determinadas pessoas que caminham comigo lado a lado, todos os dias, diminuindo os problemas e aumentando as alegrias.

Não posso deixar de agradecer à Professora Rita Conde por me ter acolhido nesta fase importante da minha vida. Obrigada por todos os ensinamentos transmitidos e disponibilidade demonstrada.

Às minhas rodas, Licas e Sofia, por simplesmente existirem e estarem presentes em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis. São para a vida.

À Paulinha, as palavras são miseráveis para descrever o que fizeste por mim, tu sabes. Obrigada por toda a disponibilidade e melhor ainda por transpores que o fizeste pelo simples fato de gostares de ajudar e carinho que tens por mim. És um exemplo!

À minha Sarinha, minha companheira não de sempre mas para sempre. Já são uns longos anos e sempre em situações cruciais. Obrigada por tudo, por seres a minha muleta académica e transpores isso para um plano pessoal de amizade. Ainda temos longas batalhas pela frente, tu sabes!

À Dr. Rosa, por ser uma segunda mãe para mim, por todas as conversas matinais, desabafos. Obrigada por todo o incentivo e disponibilidade demonstrada. Significa muito para mim!

Por último mas mais importante, às pessoas mais diretas de toda a minha formação: aos meus pais e irmã. Sem eles não seria nada. Obrigada por toda a educação, ensinamentos mas principalmente por sermos uma família na essência da palavra. Mãe, obrigada por seres as mãos nas minhas costas que me empurram para a vida. Fica registado que te agradeço todos os sermões que me proporcionaste, pois eles fizeram-me chegar aqui. És um orgulho! E sei que este momento é uma conquista enorme para ti, nunca duvidaste de mim! Papá, obrigada, obrigada, obrigada pelas palavras certas nas alturas certas, por seres um pai presente, interessado e orgulhoso do que existe dentro de quatro paredes.

Não posso deixar de mencionar a minha estrela guia. Meu avô. Ensinaste que a bondade se encontra em pequenos gestos, que não é preciso muito para receber em dobro. Sei

que mais uma vez estás orgulhoso mas ainda falta muito para ver. Nas pequenas coisas da vida estão as mais importantes. Obrigada por todas as horas de conversa, pois com elas vieram sempre um ensinamento que fizeram de mim o que sou hoje. Bondade, simplesmente bondade.

Resumo

A presente dissertação assentou num estudo descritivo, com o intuito de conhecer quais as características dos incendiários reportados pelos *media*. Especificamente pretende identificar e analisar a prevalência de várias características indicadas pelos *media*, aglomerando essas mesmas características para posteriormente comparar com o perfil do incendiário Português elaborado por Instituto Superior da Polícia Judiciária e Ciências Criminais. Cumulativamente, reporta-se estatísticas oficiais de justiça do crime de incêndio florestal, elaborando um parecer sobre o possível desfasamento entre a realidade e os *media*. Nesse sentido, recorreu-se à recolha de todas as notícias sobre incendiários, incêndio florestal e pirómanos do Jornal de Notícias e do Correio da Manhã entre os anos 2012 a 2014 perfazendo um total de 205 notícias, compondo 225 casos, pois em determinadas notícias possuíam mais do um sujeito. Relativamente às estatísticas criminais foram recolhidas na Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais entre os mesmos anos. Os resultados indicam que os *media* o termo mais utilizado para descrever o sujeito é suspeito. O produto final remete também para a prevalência de um conjunto de variáveis iguais às do perfil do incendiário português, nomeadamente, sexo, idade, género e local do incêndio.

Relativamente às estatísticas oficiais do ilícito de incêndio florestal constata-se que os crimes registados e os sujeitos condenados são completamente díspares, ou seja, existe um número muito reduzido de condenados para a quantidade exorbitante de crimes registados.

Palavras-Chave: incendiários, *media*, perfil, estatísticas

Abstract

This work was based on a descriptive study in order to know what features of arson reported by the media. Specifically aims to identify and analyze the prevalence of various characteristics displayed by the media, crowding those same features to later compare with the profile of Portuguese arsonist prepared by the Institute of Judicial Police and Criminal Sciences. Cumulatively, refers official statistics justice forest fire crime, preparing an opinion on the possible gap between reality and the media. In this sense, it appealed to the collection of all the news about arsonists, forest fire and arson of Jornal de Noticias and Correio da Manhã between the years 2012-2014 a total of 205 news, composing 225 cases, as in certain news had more a subject. With regard to crime statistics were collected in the General Directorate of Rehabilitation and Prison Services between the same years. The results indicate that the media as used term to describe the subject is suspected. The final product also refers to the prevalence of a set of variables equal to the Portuguese inflammatory profile, in particular, sex, age, gender and location of the fire.

For official statistics of illegal forest fire can be seen that the registered crimes and those convicted subjects are quite disparate, i.e., there is a very small number of convicts to the exorbitant amount of registered crimes.

Keywords: arson, media, profile, statistics

Índice

Agradecimentos.....	II
Resumo.....	IV
Abstract.....	V
Índice de tabelas	IX
Índice de figuras.....	X
Introdução.....	1
Parte I: Enquadramento teórico	
<i>Os media</i>	3
O medo e incêndios.....	5
Incêndios Florestais em Portugal.....	7
Evolução dos Incêndios Florestais no Tempo.....	7
Causas dos incêndios florestais em Portugal Continental.....	8
Enquadramento legal do crime de incêndio florestal.....	11
Investigação criminal do crime de incêndio florestal.....	11
<i>Profiling</i>	14
Perfil dos incendiários.....	14
Perfil dos incendiários Portugueses.....	16
Pirómano.....	21

Parte II: Estudo empírico

Objetivos e questões de partida.....	24
Método	24
<i>Design</i> de investigação.....	24
Processos de amostragem.....	25
Amostra.....	27
Análise de dados.....	27
Parte III: Apresentação dos resultados.....	31
Parte IV: Discussão dos resultados	41
Conclusão.....	46
Referências Bibliográficas.....	48

Índice de tabelas

Tabela 1. Temperaturas características de alguns combustíveis sólidos, líquidos e gasosos

Tabela 2. Tipologia dos incendiários segundo o FBI

Tabela 3. Principais características da população em estudo

Tabela 4. Perfil A do incendiário português – instrumental/retaliatório

Tabela 5. Perfil B do incendiário português – instrumental/beneficiário

Tabela 6. Perfil C do incendiário português – expressivo – historial clínico

Tabela 7. Perfil D do incendiário português – Expressivo – atração pelo fogo

Tabela 8. Perfil do pirómano

Tabela 9. Amostra de notícias sobre incendiários

Tabela 10. Variáveis estipuladas para o estudo

Tabela 11. Concetualização do sujeito pelos diferentes jornais

Tabela 12. Perfil geral do incendiário e as respetivas percentagens das variáveis

Tabela 13. Comparação do “perfil dos media” e o perfil do “incendiário português”

Tabela 14. Estatísticas criminais do crime de incêndio florestal e total de notícias de ambos

Índice de figuras

Figura 1. Número de fogos florestais por ano

Figura 2. Número de ocorrências de incêndios florestais entre 1990-2013 em países europeus

Figura 3. Triângulo do Fogo

Figura 4. Distribuição da percentagem das ocorrências investigadas por tipo de causa, entre 2003 e 2013

Figura 5. Esquema do método para a determinação das causas de um incêndio (Ciclo de Investigação)

Figura 6. Número de notícias sobre incêndios florestais divulgadas pelo JN E CM

Figura 7. Idades mencionadas pelos *media*

Figura 8. Situação profissional mencionada pelos *media*

Figura 9. Motivação para os incêndios mencionada pelos *media*

Figura 10. Conceção do sujeito mencionado pelos *media*

Introdução

A dissertação em questão, realizada no âmbito do Mestrado em Psicologia da Justiça, incide sobre o possível desfasamento das notícias difundidas pelos *media* em relação aos incendiários portugueses. A escolha deste objeto de análise assume pertinência especial, dado o número elevado de incêndios florestais em Portugal e conseqüentemente um fenómeno bastante atual no nosso país. Dado todas as repercussões negativas inerentes à problemática no contexto nacional e a investigação ser escassa fomentou o interesse da elaboração deste trabalho.

O objetivo primordial que orientou este estudo passa por identificar a conceção dos incendiários pelos *media*, elaborando um “perfil” dos mesmos, através das características mencionadas por estes de forma a contrastá-lo com o perfil traçado pela literatura e investigação. Como objetivos adjacentes pretende-se obter uma visão oficial das estatísticas do crime de incêndio florestal, bem como os suspeitos e condenados pelo mesmo tipo de ilícito fazendo uma comparação dessas mesmas estatísticas com as notícias de incendiários difundidos pela imprensa escrita.

Para a obtenção da amostra referente a este estudo foram analisadas notícias dos dois jornais de maior tiragem em Portugal, nomeadamente o Correio da Manhã e o Jornal de Notícias.

Esta dissertação é constituída por quatro partes, sendo a primeira dedicada ao enquadramento teórico sobre o fenómeno em estudo.

Neste primeiro ponto foca-se o conceito dos *media* bem como a sua evolução, transpondo toda a sua teoria para a sua difusão dos incêndios. No segundo capítulo teórico reúnem-se vários desenvolvimentos dos incêndios florestais em Portugal, como a sua evolução e as suas causas. No terceiro capítulo teórico enquadra-se a tipificação do crime de incêndio florestal, bem como a sua investigação. Por fim, no último capítulo teórico introduz-se o *profililing* como técnica de apoio, estendendo-se deste modo para os perfis elaborados para os incendiários, com incidência para o caso Português.

Seguidamente ao escrutínio do estado da arte a respeito deste fenómeno, a segunda parte desta investigação é dedicada ao estudo empírico realizado, sendo apresentado o *design* de investigação, os objetivos e questões de partida, e os processos de amostragem e amostra.

Posteriormente, na terceira parte, damos ênfase à apresentação dos resultados, nomeadamente a prevalência dos atributos dos incendiários reportados pelos *media*, e como produto final o aglomerado de todas essas características. Cumulativamente são também apresentadas as estatísticas oficiais dos crimes registados, bem como os seus suspeitos e condenados.

Por fim, a quarta parte desta dissertação é dedicada à discussão dos resultados e à conclusão do presente estudo. Neste ponto pretende-se identificar as principais aprendizagens que esta investigação proporcionou e confrontá-las com a literatura da área.

Parte I: Enquadramento teórico

Os media

Os *media*, que se esforçam por informar, entreter e convencer, são os meios pelos quais toda a informação e acontecimentos são difundidos e direcionados para o público, assim uma mensagem transportada vai de um emissor para um recetor e se torna interessante “seguir as diversas fases do processo: alguém (quem?) faz alguma coisa (o quê?) que influencia (como?) outra pessoa” (Pierre, 1997, p.55). Um acontecimento mediático pressupõe uma imensidade de definições, por um lado podemos designar “todos os fenómenos do mundo”, como por outro “os fatos que se contrapõe à normalidade”, podendo ser um evento pontual como noutras circunstâncias que se alonguem por meses e até mesmo anos (Mesquita, 2003). Rieffel (2003, p.7) afirma que os *media* englobam “todas as técnicas e todos os meios que permitem aos homens comunicar entre si e transmitir mensagens com conteúdos variadíssimos (...) são tidos em consideração a imprensa, a rádio, a televisão (...)”, sendo considerados os mais tradicionais.

Importa fazer a distinção entre acontecimentos jornalísticos e mediáticos, assim, “enquadram-se em critérios de seleção dos jornalistas e das empresas mediáticas” e “são notícias objeto de uma hipermediatização, especial televisiva”, respetivamente (Mesquita, 2003, p. 39).

As mudanças tecnológicas registadas ao longo da história possibilitam o desenvolvimento dos *media*, no que concerne à sua produção bem como na sua difusão. A rádio é um bom exemplo, sendo que se tornou bastante popular num rápido período de tempo de uma geração. Durante a Primeira Guerra Mundial, a exigência de informações rápidas era crucial, pelo que o jornal era um meio pouco eficaz. A difusão da rádio evoluiu com uma rapidez prodigiosamente enorme, visto que os fabricantes do mesmo mostraram-se dispostos a arriscar no desenvolvimento deste produto, pois perceberam que do outro lado existia uma audiência elevada, levando igualmente a lucros também eles elevados. Através dos factores mencionados anteriormente, o crescimento da imprensa, na segunda metade do século XIX foi igualmente influenciada. Aperfeiçoou-se e multiplicou-se as condições técnicas, como a prensa rotativa que imprimia milhares de folhas por hora. Sequencialmente, o telégrafo e o telefone aceleraram a difusão das notícias, possibilitando a concepção das mesmas como

factos e não em opiniões. Ao introduzir-se nova maquinaria na imprensa escrita, os custos das empresas associadas aumentou exponencialmente, apesar disso, alguns empresários do ramo visionaram que os jornais repletos de pequenas notícias, com um preço de venda reduzido, geravam audiência e conseqüentemente lucro. Outro contributo para este processo prende-se com a obrigatoriedade da escolaridade, assim grande parte da população sabia ler, o que provocou uma enorme circulação da imprensa escrita, tornando-se hábito comprar jornais diários(Pierre, 1997).

Outro desenvolvimento crucial refere-se à inclusão de ilustrações, em 1880 incluíram-se as gravuras nos jornais e em 1910 as fotografias. Em 1896 foi inventado o cinema, que consistia numa caixa de madeira, uma lente e uma manivela, sendo primariamente para filmar e posteriormente projectar a película quando estava revelada. A circulação dos jornais impressos, em 1840, rondava o número dos 10 mil mas no final do século a mesma circulação remetia para milhões de cópias vendidas, o que aponta para uma revolução (Pierre, 1997).

A televisão foi o passo que se seguiu, derivado do sucesso da rádio, sujeitos amadores associaram-se e tentaram construir os seus próprios dispositivos de transmissão, mas os problemas associados aos mesmos mostraram-se bastante complexos para indivíduos comuns os pôr em prática, contudo verificou-se uma colaboração entre fãs de imprensa não impressa e engenheiros. Em 1929, a *Television Association* foi fundada na Alemanha com o contributo dos fãs mencionados anteriormente, técnicos e jornalistas que entrando em contato com os especialistas que se tornaram bastante interessados em transmitir informação. Os retalhistas de material eletrónico começaram a vender *kits* recetores e aos poucos começaram a vender aparelhos industriais para o mesmo efeito. Assim, pode-se inferir que a televisão beneficiou do sucesso da rádio e cumulativamente contribuiu para o seu reforço (Pierre, 1997).

A utilização dos *media*, por parte da população enquadra-se num ritual, é rotina a compra do jornal pela manhã, e a assistência de cerca de 10 milhões de espetadores a assistir ao telejornal da noite. A influência destes meios através dos padrões por eles aplicáveis é notória, verifica-se um duelo entre as pequenas notícias e grandes acontecimentos, políticos, por exemplo, fazendo assim uma distinção entre o que nos é permitido visualizar (Pierre, 1997). Devido ao enorme consumismo dos *media*, por parte da população, são várias as opiniões transmitidas pelo público sobre os mesmos, como por exemplo “os *media* favorecem a manipulação da opinião”, “Os jornalistas são, na maior parte das vezes, tendenciosos e pecam por falta de objetividade” (Rieffel, 2003, p.5). Grande parte das vezes essas opiniões

exprimem nada mais que puros preconceitos ou ideias estereotipadas, não tendo como base um suporte cientificamente comprovado (Rieffel, 2003). Pode-se afirmar que os *media* se encontram numa dualidade de critérios e opiniões, sendo que importa refletir qual o papel dos *media* no nosso dia-a-dia, se e como aceitámos ou recusamos a informação fornecida pelos mesmos e se essa mesma informação influencia o nosso pensamento e conseqüentemente o nosso comportamento. Certo é que os *media* têm a capacidade de captar a nossa atenção para eventos que sem eles não teríamos conhecimento e que se encontram fora do nosso alcance.

Os *media* e os incêndios

“Sendo infelizmente um acontecimento que motiva as pessoas pelos piores dos motivos, chama a atenção das pessoas, atrai as pessoas, porque realmente estamos na presença de uma situação catastrófica, de uma situação de emergência e que põe em causa as vidas e os bens das pessoas e o ambiente (...), penso que os meios de comunicação social têm a obrigação enquanto entidades cooperantes de proteção civil (...) pautarem a sua conduta por acontecimentos, enquanto fazedores de opinião, que devem ser pró-ativos, para que se aumente uma cultura de segurança por parte dos cidadãos (Pinto, citado por Bento, 2012, p. 106).

Devido a particularidade do fenómeno descrito, e ao nível visual ser de grande impacto, ou seja, um fenómeno mediático, verifica-se uma enorme suscitação de interesse por parte dos *media*, tentando estes reportar todos os acontecimentos, características dos mesmos e em alguns casos os seus possíveis autores, usando, por vezes fortes conotações sensacionalistas como, “o fogo arrasou”, totalmente devastadas pelas chamas”, “fogo mortal” (Holmes & Holmes, 2009). Constata-se uma influência grandiosa por parte dos *media* perante uma sociedade que tem, em primeira linha, conhecimento de todas as ocorrências por parte dos mesmos (Castillo, 2008).

Os incêndios florestais, devido ao fenómeno de elevada destruição, provocam o medo e o pânico na população, sendo que estes últimos procuram nos *media* toda a informação e atualização do facto em causa, como referido anteriormente. Do ponto de vista televisivo, é dos acontecimentos que instigam maior sucesso no meio, pela sua espectacularização e conseqüentemente audiências, não podendo esquecer que os “*media* são um negócio” (Carvalho, citado por Bento, 2012, p. 105). Importa mencionar um fator entre a informação

difundida pela televisão e os jornais, sendo que as notícias que são transmitidas pela televisão causam maior impacto pelo facto de se visualizar imagens e a duração das mesmas reportagens ocuparem maior disponibilidade de tempo por parte do recetor.

Segundo Castilho (2008) são apontadas três principais causas relativas à elevada atenção dispensada por estes meios:

- O período crítico dos incêndios baliza-se nos meses de Verão, logo o maior leque de notícias dispensados pelos *media* centra-se nesse assunto, sofrendo uma redução drástica nos meses consequentes; Como confirma, José Alberto Carvalho diretor de informação da TVI (citado por Bento, 2012, p. 104) “é um fenómeno que ocorre nos meses de verão em que a própria agenda informativa é menor do que nos meses de Inverno. Há menos notícias correntes.”
- Os incêndios possuem um grande poder visual, mesmo que se trate de um incêndio de reduzidas dimensões, a projeção que lhe é dada é bastante atrativa; “Os incêndios florestais também têm os ingredientes todos, têm o fascínio da chama, tem o drama das pessoas, tem a capacidade perante a Natureza que é sempre uma realidade meia mística, nós ficamos petrificados perante a força da Natureza, portanto ver um incêndio a avançar é uma experiência aterradora (Carvalho citado por Bento, 2012, p. 104).
- São raros os jornalistas especializados em matéria de meio ambiente que possam escrutinar em profundidade toda a informação, assim o tratamento jornalístico sobre os incêndios florestais é projetado como uma transmissão de eventos. “O que noticiámos é o que a população diz, o jornalista não tem formação para perceber o que é ou não importante em termos de incêndio florestal” (Carvalho citado por Bento, 2012, p. 104).

Verifica-se uma repetição sistemática de notícias deste fórum, provocando assim influência nos telespectadores, sendo que o que é transmitido nem sempre é um facto puro mas sim uma opinião (Pierre, 1997).

Incêndios florestais em Portugal

A descoberta do fogo foi um marco importante no desenvolvimento da História do Homem, tornando-se uma potencialidade com características opostas, pois utilizado de forma errónea potencia consequências ambientais, prejuízos económicos, constituindo também uma fonte de perigo para as populações e bens, estimando-se, por exemplo, no ano de 2013, um prejuízo ambiental e material na ordem dos 219 milhões de euros, sendo este valor superior em 14, 6 milhões de euros ao valor médio da década anterior. Relativamente ao número de vítimas registadas nesse mesmo ano, sendo este ponto de maior gravidade de todo o quadro, verifica-se a existência de nove vítimas mortais (8 bombeiros e 1 autarca), sucedendo que o número de feridos tabela-se em 669 (575 operacionais e 94 civis) (Departamento de Gestão de Áreas Classificadas Públicas e de Proteção Florestal, 2013b). Segundo a Proteção Civil, os incêndios florestais são das catástrofes com maior gravidade no nosso país, quer a nível de frequência com que deflagram, como a distância que alcançam bem como os efeitos nocivos por onde passam, sendo que a maioria da catástrofe em questão é provocada pelo Homem (ANPC, 2015). Assim, entende-se por incêndio florestal “um incêndio que deflagra e se estende por espaços florestais (arborizados ou não arborizados) ou que, tendo início noutros terrenos, se propaga por espaços florestais. Excluem-se os fogos controlados, geralmente destinados a diminuir ou eliminar o material combustível acumulado no terreno (APIF, 2005, p.1).”

Evolução dos incêndios florestais no tempo

O número de ocorrências anuais de incêndios florestais em Portugal continental nos últimos 25anos (figura 1) sofreu um aumento significativo, sendo que os anos de 1995, 1998 e 2000 apresentaram os valores máximos atingidos. Em contrapartida, os anos mais recentes, indicam um decréscimo no número de ocorrências, fixando o ano de 2003 e 2005 com os picos mais elevados.

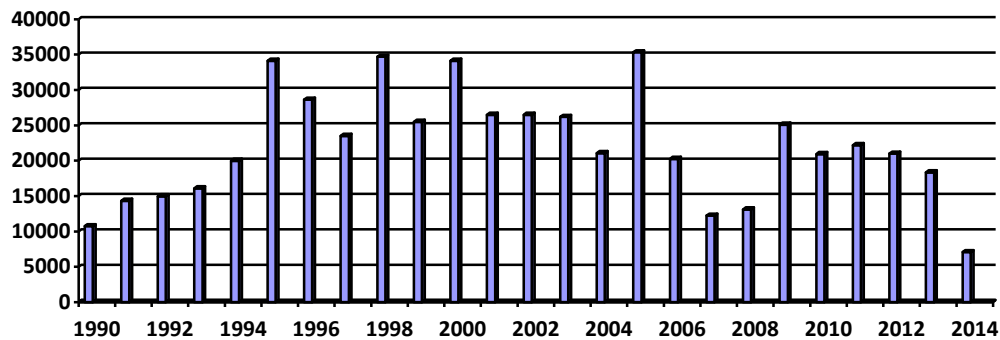


Figura 2. Número de fogos florestais por ano

Fonte: Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas

Através dos dados fornecidos pelo Sistema Europeu de Informação de Incêndios Florestais do Centro de Investigação Comum da Comissão Europeia (gráfico 2) é possível constatar que Portugal, bem como Espanha, França, Itália e Grécia, são dos países mais fustigados a nível Europeu pelos incêndios florestais, contudo Portugal, nos últimos anos é o país que retém o maior número de ocorrências.

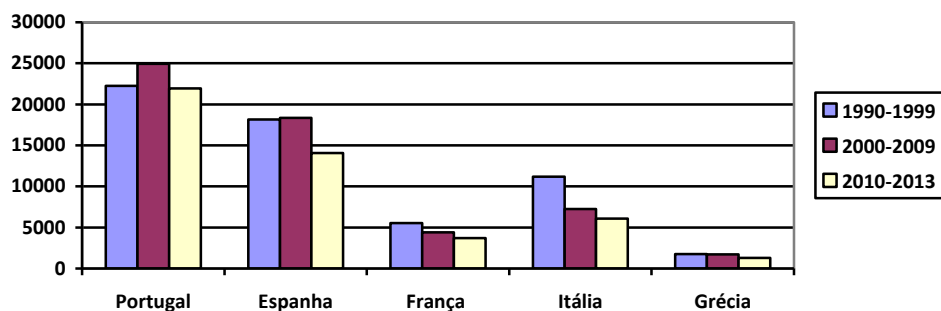


Figura 2. Número de ocorrências de incêndios florestais entre 1990-2013 em países europeus

Fonte: (Schmuck et al., 2014)

Nota: Grécia: os números estão incompletos desde 2009

Causas dos incêndios florestais em Portugal Continental

O fogo é uma reação química denominada por combustão, sendo necessário para ela existir um combustível, um comburente, (exemplo, oxigénio) e uma fonte de energia de ativação do processo.



Figura 3. Triângulo do Fogo

Fonte: (Castro et al., 2003)

Importa salientar a diferença entre a temperatura de combustão com a temperatura de ignição, com o intuito de ressaltar as condições mínimas necessárias para a propensão de incêndios de forma intencional ou natural. Assim, a temperatura de combustão refere-se à temperatura mínima necessária na qual uma substância emite vapores combustíveis necessários, para que em contacto com o comburente (exemplo, oxigénio) e através de uma fonte de energia exterior arda continuamente. Em contrapartida, a temperatura de ignição alude à tempérie mínima necessária para os vapores libertados por um combustível se autoinflamarem, sem necessidade da presença de uma fonte de energia exterior (Castro et al., 2003).

Substância	Temperatura de Combustão (°C)	Temperatura de Ignição (°C)
Pinho	265	280
Madeira dura	± 270	±290
Papel	---	230
Polietileno	---	350
Gasolina	-20	227
Gasóleo	104	330
Petróleo	43	250 a 450
Óleo lubrificante	177	230
Etanol	---	370
Butano	---	430
Etileno	---	490 a 540

Tabela1: Temperaturas características de alguns combustíveis sólidos, líquidos e gasosos.

Fonte: (Castro et al., 2003)

A informação das causas dos incêndios florestais é de tamanha importância, pois auxilia as políticas de proteção ambiental e civil projetando medidas de prevenção apropriadas (Camia, Durrant, & San-Miguel Ayanz, 2013).

Em primeiro lugar importa distinguir causas estruturais de causas imediatas, assim as primeiras englobam os fatores, que sem originar o incêndio, influenciam a sua ignição, comportamento, propagação e a sua magnitude, como por exemplo, condições meteorológicas e características da vegetação. Por consequente, as causas imediatas são aquelas que provocam o início do incêndio, podendo ter origem natural, como raios, ou por ação do Homem (Castillo, 2008).

São várias as causas associadas aos incêndios florestais, assim podem ser agrupadas em cinco grupos distintos que permitem concluir a intencionalidade ou negligência das mesmas:

- Naturais: resultam de descargas elétricas provocadas por trovoadas;
- Negligentes: resultam de acidentes por uso negligente do fogo. Queimadas;
- Intencionais: Uso doloso do fogo. Vingança, piromania, etc.;
- Indeterminadas: impossibilidade da determinação da causa;
- Reacendimentos.

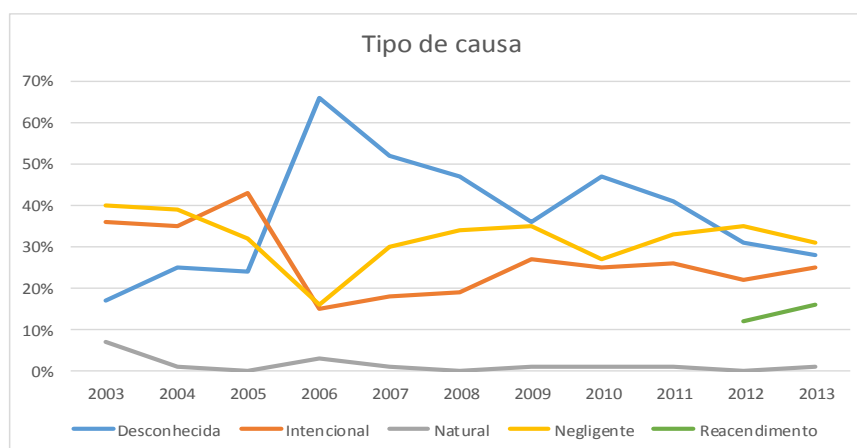


Figura 4. Distribuição da percentagem das ocorrências investigadas por tipo de causa, entre 2003 e 2013

Fonte: Instituto da conservação da natureza e das Florestas (INCF)

Nota: A categoria de reacendimento foi acrescentada em 2012 com o intuito de aumentar o rigor e a qualidade dos registos das ocorrências dos incêndios florestais.

Através dos dados apresentados é possível inferir que é necessário atingir uma temperatura exponencial que permita a ocorrência de incêndios, ou seja, a ação humana é imprescindível para a origem dos fogos florestais.

Enquadramento Legal

O crime de incêndio florestal não se encontrava distinguido até ao ano de 2007, permanecendo até então agrupado nos crimes de incêndio, explosões e outras condutas especialmente perigosas. Com a reforma penal nesse mesmo ano, procedeu-se à tipificação do crime de incêndio florestal, assim, pelo art.º 274º, nos crimes de perigo comum do Código Penal, quem “provocar incêndio em floresta, mata, arvoredos ou seara, próprias ou alheias, é punido com pena de prisão de um a oito anos”, se a conduta referida for praticada por negligência, o agente é sancionado com pena de prisão até três anos ou incorre numa pena de multa (C. P. Almeida, 2009).

Importa reter as particularidades da questão da inimputabilidade, pois nestes casos, pela alínea nove do artigo referido anteriormente, o incendiário cumprirá pena, internamento compulsivo, nas alturas de maior probabilidade de ocorrência de fogos, nomeadamente no verão.

Investigação criminal do crime de incêndio florestal

A investigação criminal (IC) dos incêndios florestais em Portugal é atribuída Serviço de Proteção da Natureza e do Ambiente (SEPNA) integrado na estrutura da Guarda Nacional Republicana. O processo da investigação em causa tem como base o “método de evidências físicas”, mais precisamente a avaliação do comportamento do fogo e a leitura dos indicadores presentes no local do delito. (Departamento de Gestão de Áreas Classificadas Públicas e de Proteção Florestal, 2013)

O art.º, 1º da Lei 49/2008 de 27 de Agosto, plasma que a IC compreende o conjunto de diligências que, nos termos da lei processual penal, se “destinam a averiguar a existência de

um crime, determinar os seus agentes e a sua responsabilidade e descobrir e recolher as provas, no âmbito do processo.” O objetivo da investigação criminal prende-se com a resposta a cinco questões fundamentais, nomeadamente, quem fez o quê? Onde? Quando? Como? Porquê?

Na cena do crime de incêndio florestal pretende-se responder a questões como:

- Onde é que o fogo começou, ou seja, onde é a origem do fogo?
- Qual foi o combustível usado?
- Qual a causa do incêndio? Em que circunstâncias começou a ignição?
- Quem, se foi um sujeito, o responsável pela ocorrência do fogo?
- Que fatores contribuíram para a ignição do fogo e a sua expansão?
- Que outros fatores ocorreram em conexão com o fogo? (morte, prejuízos)
(Chisum & Turvey, 2011).

A análise da motivação que conduziu o autor à prática do delito reveste-se de tamanha importância, na medida que possibilita valorar a culpa do mesmo (Braz, 2010).

Na IC subsiste um conjunto de procedimentos preliminares a realizar no local do crime, nomeadamente, garantir a segurança do local; desencadear medidas que possibilitem a cessação da destruição; isolar e preservar o local do crime; proceder à identificação de suspeitos e testemunhas; apreender bens e objetos que possam estar relacionados com o crime. Quanto maior a rapidez e adequadas forem estas diligências maniatadas maior sucesso existirá na investigação em curso (Braz, 2010).

Num crime incêndio florestal é necessário uma rápida intervenção pois o êxito de determinação das causas é tanto maior como mais a rápida a resposta for, na medida que irá deflagrar uma área mais reduzida de terreno (Silva, 2001, citado por Bento-Gonçalves, Lourenço, & Dias da Silva, 2007). Deste modo, se o foco de incêndio for detetado e preservado inicialmente, maior será a probabilidade da área da eclosão ser identificada. Apesar de uma maior dificuldade é possível identificar a área de eclosão em áreas bastantes intensas, sendo para isso necessário um conhecimento exato e concreto do comportamento do fogo (Bento-Gonçalves et al., 2007).

Como referido anteriormente, a investigação do delito em questão é atribuída Serviço de Proteção da Natureza e do Ambiente (SEPNA) integrado na estrutura da Guarda Nacional Republicana. O processo da investigação em causa tem como base o “método de evidências físicas”, mais precisamente a avaliação do comportamento do fogo e a leitura dos indicadores presentes no local do delito (Departamento de Gestão de Áreas Classificadas Públicas e de Proteção Florestal, 2013a), com o intuito de proceder à delimitação do ponto de origem do incêndio. Posteriormente é efetuada a leitura dos indicadores e estabelecida a relação entre as evidências físicas no local e meio de ignição. Obtidos os vários indicadores, físicos ou pessoais, a informação resultante é analisada e enquadrada numa das categorias de classificação das causas explícitas anteriormente.

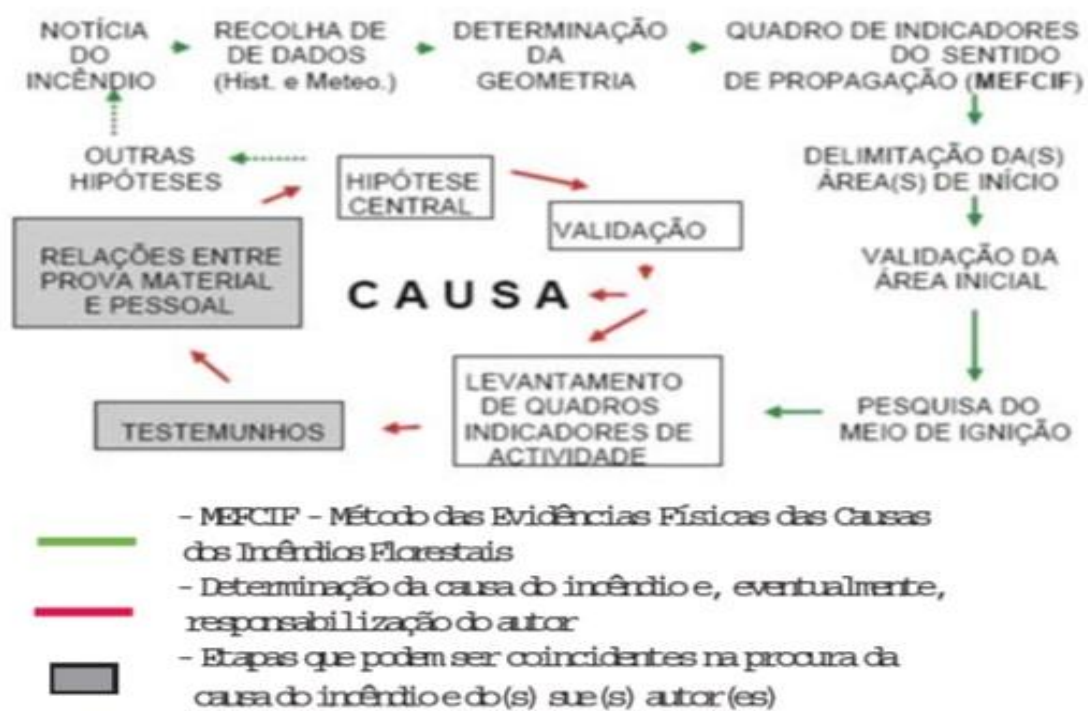


Figura Nº 5. Esquema do método para a determinação das causas de um incêndio (Ciclo de Investigação)

Fonte: (Bento-Gonçalves et al., 2007)

Ao produzir-se respostas às cinco questões fundamentais da investigação criminal (o quê, onde, quando, como e porquê) é assim possível determinar as causas dos incêndios florestais permitindo futuramente a prevenção dos mesmos.

Profiling

Ultimamente a técnica de *profiling* criminal têm sido alvo de muita divulgação por parte dos *media*, como em séries, filmes, livros do gênero policial, remetendo esta técnica como algo absoluto ou infalível, o que não corresponde inteiramente à verdade. Presentemente não é possível validar o *profiling* como uma técnica investigativa pois não é sustentada por nenhum estudo científico (Konvalina-Simas, 2012). Certo é, que as forças policiais têm caminhado no sentido de compreender o comportamento criminal, formando padrões desse mesmo comportamento, podendo, futuramente, prever e interferir no atuação do delito.

O *profiling* é uma técnica forense que visa proporcionar às agências de investigação, com informação específica, traços de personalidade paralelos com traços apresentados por sujeitos que tenham cometido delitos semelhantes (Kocsis, 2010). Esta técnica tem como objetivo decifrar as várias pistas comportamentais ocorridas, independentemente da sua origem, social, biológica ou psicológica, permitindo deste modo uma triangulação de toda a informação de modo a inferir um perfil aproximado do ofensor e assim auxiliar a investigação criminal (Konvalina-Simas, 2012).

Segundo Konvalina-Simas, (2012, p.22) o *profiling* assenta num conjunto de pressupostos distintos: “diz respeito ao processo pelo qual se tenta estabelecer o perfil psicossocial de um agressor” focando “na crença de que se podem deduzir as características de um agressor a partir das características dos seus atos”, é usado com maior frequência “em crimes nos quais a polícia tem poucas pistas”, fazendo a junção “do raciocínio indutivo e do raciocínio dedutivo”.

O fogo posto é dos crimes em que a utilização do *profiling* é mais apropriada e eficaz.

Perfil dos incendiários

“Como é um método excelente de destruição (o fogo), é admiravelmente adequado para perceber tendências agressivas, para exprimir ódio, e um meio perfeito para descarregar um volume considerável de outras emoções reprimidas... mediante a utilização de um fósforo, o incendiário alcança tremendos e espetaculares efeitos que transcendem as proporções

habituais entre o esforço e o resultado” (Nolan Lewis e Helen Yarnell, 1951, citado por Castillo, 2008,p 46).

Federal Bureau of Investigation (FBI) sugere que os incendiários possuem seis motivações principais para a prática do delito: Vingança; Excitação; Vandalismo; Lucro; Ocultação de outro crime e Extremismo (Kocsis, 2010). Segundo a mesma organização e de acordo com os seus especialistas o perfil do incendiário é a seguinte:

Homem caucasiano

27 Anos

Falhas na educação

Homossexuais ou bissexuais

História Criminal

Problemas médicos e/ou mentais

Fraco registo de emprego

Consumo de álcool e drogas

Disfunção familiar

Local do delito afastado da sua habitação

Ação do momento

Motivação geralmente por vingança

Tabela 2: Tipologia dos incendiários segundo o FBI

Fonte : Kocsis, 2010

Perfil do incendiário português

Em Portugal existe estudo intitulado “Tipologias dos incendiários portugueses e as suas implicações para a investigação e estratégias de prevenção”, que projeta como objetivos a caracterização criminal, psicológica e social dos incendiários em questão. As variáveis estudadas estão relacionadas com o comportamento criminal, aspectos sociais demográficos e questões psicológicas e jurídico-penais (Soeiro & Guerra, 2014).

Os instrumentos utilizados com intuito de recolher informação para estudo referido foram o questionário para a investigação do perfil do incendiário, (QIPI) elaborado pelo Instituto Superior da Polícia Judiciária e Ciências Criminais, a PCL:SV e a *checklist* de distúrbios psicopatológicos (DSM-IV-R)

Foi constituída uma amostra de 452 incendiários, investigados e detidos pela Polícia Judiciária entre 1995 e 2013: 415 homens (92%) e 37 mulheres (8%)

	Idade	%
<i>16-19</i>	8	
<i>20-35</i>	37	
<i>36-45</i>	24	
<i>46-55</i>	19	
<i>> 56</i>	12	
	Estado Civil	
<i>Solteiro</i>	68	
<i>Casado</i>	19	
<i>Divorciado</i>	11	
	Nível Educacional	
<i>Nenhum</i>	19	
<i>Básico</i>	41	
<i>Secundário</i>	20	

Situação Profissional	
<i>Desempregado</i>	37
<i>Não específico</i>	30
<i>Bombeiro</i>	10
<i>Trabalhador qualificado</i>	12
História Clínica	
<i>Demência associada ao álcool/ transtornos mentais</i>	11
<i>Depressão</i>	5
<i>Esquizofrenia</i>	2
<i>Outro/desconhecido</i>	46
História Criminal	
<i>Nenhuma</i>	73
<i>Incêndio</i>	13
<i>Agressão</i>	3

Tabela 3: Principais características da população em estudo

Fonte: (Soeiro & Guerra, 2014)

Através do estudo realizado é possível identificar um conjunto de variáveis mais frequentes, permitindo a caracterizar o perfil geral do incendiário português:

- Sexo: masculino
- Estado Civil: solteiro
- Idade: 20-35 anos
- Escolaridade: analfabeto/1º ciclo
- Ignição: velas, fósforos e isqueiros
- Local: florestas

- Comportamento após o delito: abandono do local
- Cena do crime/ distância da residência do indivíduo: próxima
- Relação ofensor/vítima: desconhecidos
- História Criminal: ausência registo criminal
- Situação profissional: trabalhador não qualificado

Este padrão geral dissocia-se em quatro diferentes perfis de incendiários:

Perfil A – Instrumental Retaliatório

(Incidência dos casos: 41.5%)

Homens e Mulheres

Idade: 46 anos/ >

Baixo Nível educativo

Registos de agressão

História clínica (epilepsia e consumo de álcool)

Motivação segundo a investigação policial: álcool

Motivação segundo a autora: hostilidade para com o proprietário/vítima e solidão

Floresta e terrenos sem cultivo

12-16h/16-20h

Ignição: fósforos, isqueiros ou velas

Abandono do local

Tabela 4: Perfil A do incendiário português – instrumental/retaliatório

Fonte: (Soeiro & Guerra, 2014)

Perfil B – Instrumental Beneficiário

(Incidência dos casos: 3%)

Homens

Propensão para outros tipos de crime (condução sem licença)

Ausência de problemática clínica

Motivação segundo a investigação: sem motivo aparente

Motivação Segundo a autora: Fator económico e negligência

Ausência de relação com a vítima(s)

Abandono do local

12-24h

Ignição: engenho incendiário (ex: bombas)

Tabela 5: Perfil B do incendiário português – instrumental/beneficiário

Fonte: (Soeiro & Guerra, 2014)

Perfil C – Expressivo – Historial Clínico

(Incidência dos casos: 55%)

Homem

Idade: 36-55 anos

Solteiro

Analfabetos

Fraco percurso profissional

Historial clínico: esquizofrenia, demência – associado ao consumo de álcool e atraso

mental

Reduzida capacidade de socialização

Motivação: consequência de transtorno mental

Delito perto do local onde habitam mas em horas laborais

Floresta

12h-04h/20h-24h

Permanência no local

Ignição: fósforos, isqueiros ou velas

Tabela 6: Perfil C do incendiário português – expressivo – historial clínico

Fonte: (Soeiro & Guerra, 2014)

Perfil D – Expressivo- atração pelo fogo

Homens

Solteiros

Idade: <20, 20-35

Estudantes universitários

Possibilidade de condição medica definida como piromania

Motivação Segundo a autora: impulso irresistível de atear fogo,

Motivação segundo a investigação: falta de controlo/impulsividade

Ajuda os bombeiros

Local perto do trabalho

Floresta

20h-24h

Tabela 7: Perfil D do incendiário português – Expressivo – atração pelo fogo

Fonte: (Soeiro & Guerra, 2014)

Pirómano

A piromania pode ser definida como uma “perturbação rara do controlo dos impulsos, caracterizada por um padrão contínuo de comportamentos incendiários de forma propositada por prazer, gratificação e libertação da tensão” (F. Almeida & Paulino, 2012, p. 445). Assim, os pirómanos possuem um comportamento incendiário deliberado, verificando-se um aumento da tensão ou ativação efetiva antes do ato, existe um fascínio, interesse, curiosidade e atração pelo fogo. Posteriormente, sente prazer, gratificação ou alívio no decorrer e no testemunho do incêndio, bem como no seu rescaldo (APA, 2006). Estes sujeitos, ao contrário dos incendiários, não ateiam o fogo com o intuito de obter ganhos económicos, para expressar ideias sociopolíticas, encobrir cometimento de outros crimes, por vingança, nem como “comportamento decorrente de incapacidade do sujeito avaliar as consequências dos seus atos (demência, deficiência mental ou intoxicação por substâncias)” (APA, 2006, p. 671).

Alguns sujeitos ateiam fogos com o intuito de se conetarem com o corpo de bombeiros, podendo mesmo ser tornar num (APA, 2006).

Os incêndios incitados pelos pirómanos, frequentemente à noite, são por preceito provocados à pressa e de forma desorganizada, utilizando fósforos, jornais para iniciar o delito. Por norma, provocam numerosos incêndios até serem capturados. (Holmes & Holmes, 2009). A detenção, por vezes funciona como mecanismo de travagem do seu impulso irresistível de atear fogos, assim, alguns pirómanos adotam comportamentos para serem identificados e detidos (Almeida & Paulino, 2012).

Durante o cometimento do delito, o pirómano “descreve o surgimento de uma espécie de estado dissociativo. Reconhece que o seu comportamento não tem sentido, mas não conseguem controlar, para um observador casual, eles aparecem normais” (Holmes & Holmes, 2009, p 107). Segundo Almeida & Paulino, (2012, p.447), “frequentemente, confessam o crime ou admitem a culpa, apesar de não sentirem remorsos, arrependimento ou responsabilidade pelo seu comportamento. Normalmente, encontrando-se calmos e são colaboradores durante a detenção”.

Perfil do pirómano

<i>Idade</i>	<i>16-28 Anos</i>
<i>Sexo</i>	<i>Masculino</i>
<i>Afinidade Populacional</i>	<i>Caucasiano</i>
<i>Inteligência</i>	<i>Entre a deficiência e a genialidade</i>
<i>Deficiências físicas</i>	<i>Frequentemente presentes</i>
<i>Enurese</i>	<i>Possibilidade de presença</i>
<i>Perturbações Mentais</i>	<i>Possibilidade de presença: psicopatia, perturbações psicóticas e padrões neuróticos de comportamento</i>
<i>Adaptação Escolar</i>	<i>Pobre, marginalidade</i>
<i>Ambiente Familiar</i>	<i>História de disciplina inconsistente e negligência parental</i>
<i>Nível Socioeconómico</i>	<i>Classe média alta, alguns de classe baixa</i>
<i>Ajustamento Social</i>	<i>Problemas no desenvolvimento e manutenção de relações interpessoais</i>
<i>Estado Civil</i>	<i>Ajustamento marital pobre, sendo reduzidos o numero de sujeitos casados</i>
<i>Ajustamento Sexual</i>	<i>Comportamentos inadequados</i>
<i>Ocupação</i>	<i>Frequentemente desempregados; quando empregados, posição de subservientes</i>
<i>Personalidade</i>	<i>Pessoa deslocada e débil; sentimentos de inadequação, inferioridade e insuficiência; introvertido, distante, frustrado e isolado; autoestima ferida, falta de orgulho e prestígio; procura expressão através de excitação.</i>

História Criminal

Comportamento delinquente e criminal (roubo, fuga, assalto)

Abuso de Álcool

Álcool usado como escape social e como meio de desinibição. Mas os incêndios não são ateados por esta conduta

Comportamento Suicida

Alguns pirómanos tentam o suicídio após detenção

Impulso

Não existe nenhum factor precipitante. É possível que resulte por acumulação de problemas de stress, frustração e tensão.

Tabela 8: Perfil do pirómano

Fonte: Holmes & Holmes, 2009

Parte II: Estudo Empírico

Objetivos e questões de partida

Como referido anteriormente, um estudo sobre os incendiários assume extrema relevância no contexto atual, dado o elevado número de incêndios que têm ocorrido em Portugal nos últimos anos, com consequências sociais e custos económicos elevados. Por outro lado, no contexto nacional, é escassa a investigação sobre o fenómeno. Assim, sendo uma problemática bastante atual e com repercussões graves, torna-se pertinente obter uma compreensão integrada dos incendiários em Portugal, desde as estatísticas dos indivíduos condenados pelos crimes de incêndio florestal, bem como caracterização da imagem do incendiário veiculado pelos *media*, tentando identificar de que modo este é representado de forma a contrastá-lo com o perfil traçado pela literatura e investigação. Assim, procedeu-se a elaboração de determinadas questões que têm como por objetivo orientar o processo de seleção do material e consequentemente a análise dos dados.

Foram elaboradas as seguintes questões:

Quais são as características maioritárias apresentadas por estes meios?

Através dos danos fornecidos pelos jornais é possível obter um “perfil” geral do incendiário?

As características mencionadas pelos *media* vão de encontro com o perfil traçado do incendiário português?

Qual a conceptualização que o JN e o Cm fabricam do sujeito?

Quais as estatísticas oficiais deste tipo de crime?

Método

Design de investigação

Com o intuito de conhecer quais as características dos incendiários mencionados pelos *media*, entre os anos de 2012 e 2014, e assim obter uma visão geral

da conceção dos sujeitos em questão pela imprensa escrita, optou-se por realizar um estudo descritivo.

Este tipo de estudo permite apreender quais as características de determinada população/fenómeno ou estabelecer relação entre as variáveis. Assim, pretendem examinar como se manifesta determinado fenómeno e os seus componentes, possibilitando o estudo do fenómeno detalhadamente através da avaliação de um ou mais atributos. Em suma, o estudo descritivo procura especificar os atributos mais importantes do objeto em análise (Vilelas, 2009).

Processos de amostragem

O estudo em questão baseia-se numa amostragem intencional e “apriorística”, definindo-se a estrutura da amostra da imprensa jornalística e de estatísticas oficiais dos crimes de incêndio florestal, bem como os respetivos suspeitos identificados e condenados.

Foram utilizados os seguintes parâmetros técnicos referentes à amostra da imprensa:

- *Ano de publicação*: Entre os anos 2012 a 2014. Esta escolha deve-se ao facto de ser os anos mais recentes e assim obter uma visão mais realista sobre o passado recente.

- *Perfil da publicação*: - Notícias do Jornal de Notícias (JN) e Correio da Manhã (CM). A escolha destes jornais deveu-se ao facto de se tratarem dos jornais diários de maior tiragem (Observatório da Comunicação, 2012). Assim, no sentido de obter o maior número de notícias e considerando a maior tiragem destes jornais, foram escolhidos estes perfis de publicação.

- *Publicações-Alvo*: Notícias sobre a temática dos incêndios florestais. Proceder-se à identificação e recolha das publicações-alvo através da utilização de palavras-chave (incêndios florestais, incendiários e pirómanos) nos *sites* dos jornais. Posteriormente, haverá o foco no relato sobre o incendiário, sendo apenas analisados os excertos sobre os incendiários (ou alegados incendiários).

O processo de recolha e análise das notícias em questão passou por diferentes fases, nomeadamente:

- Exploração e recolha de dados

- As várias notícias foram escorcinadas e escolhidas consoante os termos anteriormente estabelecidos e mencionados.
- Tratamentos e análise dos dados
 - Elaboração das variáveis a serem codificadas
 - Inserção das mesmas no SPSS
 - Produção das frequências
 - Elaboração do conjunto de características do incendiário por parte das variáveis retiradas pelos *media*

Foram utilizados os seguintes parâmetros técnicos referentes às estatísticas oficiais de justiça do crime de incêndio florestal:

- A consulta das estatísticas balizou-se entre os anos de 2012 e 2014. Esta opção foi tomada por abranger um período considerável de tempo e aproximado do presente.
- A Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) foi a fonte utilizada para a recolha das mesmas. A escolha deste meio deveu-se ao facto de se tratar da organização que se encarrega da elaboração e divulgação das estatísticas oficiais desta matéria.
- Os dados consultados foram as estatísticas dos crimes de incêndio florestal, os respetivos suspeitos identificados e condenados.

O processo de recolha e análise das estatísticas oficiais criminais passou por uma única fase, nomeadamente:

- Foram consultadas e retiradas consoante os anos, pelo crime de incêndio florestal, pelos seus suspeitos e condenados.

Amostra

Da pesquisa efetuada, pelos dois jornais e nos diferentes anos, estabelece-se uma amostra de 205 notícias (tabela 9), contudo verifica-se um total de 225 casos, pois, por vezes em cada notícia apresenta mais do que um sujeito, conseqüentemente mais do que um caso. O estudo em questão fará sempre referência aos casos e não apenas ao número de notícias.

	2012		2013		2014	
Total de	CM	JN	CM	JN	CM	JN
Notícias	58	30	34	53	14	16

Tabela 9: Amostra de notícias sobre incendiários

Análise de dados

Para caracterizar e compreender a imagem do incendiário veiculada pelos *media*, utilizar-se-á a metodologia da análise de conteúdo, pois esta permite fornecer uma rica, detalhada e complexa descrição dos dados através da análise de padrões (Flick, U 2002). Esta técnica tem como objetivo agrupar em categorias lógicas todo o conteúdo analisado, procedendo à sua descrição objetiva e sistemática, bem como encetar por um processo inferencial os pressupostos em análise (Amado, J.S 2000,).

Recorreu-se recurso ao programa Statistical Package for Social Sciences – SPSS for Windows (IBM, 2011), com o desígnio de obter a frequência de determinadas características dos supostos incendiários, com o intuito de obter um “perfil”, e conseqüentemente comparando-o com o já delineado perfil do incendiário português, para se constatar se os dados se assemelham.

Assim, foram criadas diferentes variáveis (tabela 10), procedendo-se de seguida à elaboração das frequências. Estas variáveis foram estipuladas pelo facto de irem ao encontro com caracterização criminal, psicológica e social dos incendiários portugueses que produzem o seu perfil.

<i>Idade</i>	<i>10-15</i>
	<i>16-19</i>
	<i>20-35</i>
	<i>35-45</i>
	<i>46-55</i>
	<i>>56</i>
<i>Sexo</i>	<i>Masculino</i>
	<i>Feminino</i>
<i>Estado Civil</i>	<i>Solteiro</i>
	<i>Casado</i>
	<i>Divorciado</i>
	<i>Viúvo</i>
<i>Situação Escolar</i>	<i>Analfabeto</i>
	<i>Primário</i>
	<i>Básico</i>
	<i>Secundário</i>
	<i>Universitário</i>
<i>Situação Profissional</i>	<i>Desempregado</i>
	<i>Reformado</i>
	<i>Bombeiro</i>
	<i>Estudante</i>
	<i>Trabalhadores agrícolas</i>
	<i>Operário da Construção Civil</i>

	<i>Doméstica</i>
	<i>Função Pública</i>
	<i>Profissionais não qualificados</i>
<i>História Clínica</i>	<i>Transtornos mentais</i>
	<i>Depressão</i>
	<i>Esquizofrenia</i>
<i>História Criminal</i>	<i>Nenhuma</i>
	<i>Incêndio</i>
	<i>Agressão</i>
<i>Local do Incêndio</i>	<i>Floresta</i>
	<i>Terrenos agrícolas</i>
<i>Ignição</i>	<i>Isqueiro</i>
	<i>Velas</i>
	<i>Fósforo</i>
	<i>Engenhos incendiários</i>
<i>Horas do Incêndios</i>	<i>7h-11h</i>
	<i>12h-16h</i>
	<i>17h-21h</i>
	<i>22h-01h</i>
	<i>02h-06h</i>
<i>Motivação para os incêndios</i>	<i>Vingança</i>
	<i>Excitação/atração</i>
	<i>Vandalismo</i>

	<i>Lucro</i>
	<i>Ocultação do crime</i>
	<i>Extremismo</i>
	<i>Sem motivo aparente</i>
	<i>Impulsividade</i>
	<i>Álcool</i>
<i>Causas dos incêndios</i>	<i>Naturais</i>
	<i>Negligentes</i>
	<i>Intencionais</i>
	<i>Indeterminadas</i>
	<i>Reacendimentos</i>
<i>Abandono do local</i>	<i>Sim</i>
	<i>Não</i>
<i>Conceptualização do sujeito</i>	<i>Suspeito</i>
	<i>Pirómano</i>
	<i>Presumível</i>
	<i>Arguido</i>
	<i>Incendiário</i>

Tabela 10: variáveis estipuladas para o estudo

Nota: Em todos os valores foi acrescentado “sem informação”

Através do mesmo método, é possível constatar a concetualização que os *media* projetam do sujeito, ou seja a frequência de termos utilizados, como **suspeito**, **pirómano**, **presumível**, **arguido**, e **incendiário**.

Parte III: Apresentação dos Resultados

Através da observação do gráfico, constata-se que existe uma discrepância no número de notícias consoante o jornal em causa. Assim, no CM o maior pico de notícias divulgadas sobre a temática dos incêndios florestais corresponde ao ano de 2012 que condiz, como explícito no enquadramento teórico deste estudo, com o ano de maior ocorrência de incêndios nos últimos anos. Em contrapartida, o JN divulga um maior número de notícias no ano de 2013, sendo que se verifica uma diminuição brusca no número de notícias, em ambos os jornais, no ano de 2014, que concilia também com os dados estatísticos do ano com menor fogos.

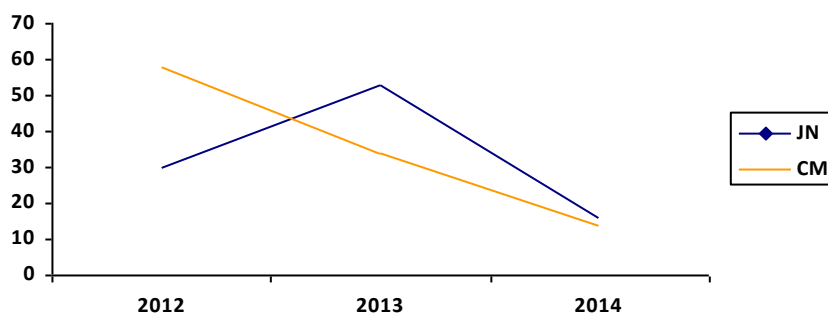


Figura 6: Número de notícias sobre incêndios florestais divulgadas pelo JN E CM

De modo a facilitar a compreensão dos dados e conseqüentemente a sua análise, os mesmos serão apresentados conforme as questões de partida do estudo em causa.

- **Quais são as características maioritárias apresentadas por estes meios?**

- (i) Idade

Em 225 casos de 205 notícias analisadas a frequência de idades dos sujeitos em causa baliza-se entre os 20 e os 35 anos (31.1%, correspondente a 70 casos). Seguindo-se as faixas etárias entre os 36-45 anos e os 46-55, com 47 e 42 casos respetivamente. Importa referir a raridade de menores, que no caso concreto é caso único, tendo a idade de 13 anos

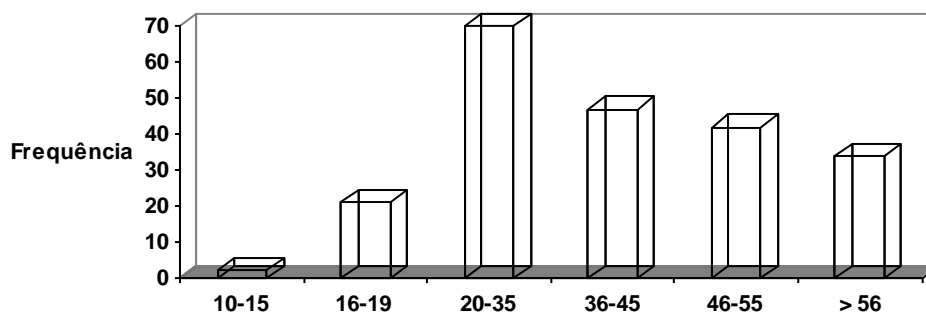


Figura 7: Idades mencionadas pelos *media*

(ii) Sexo

Quanto ao sexo, observa-se uma grande prevalência do masculino sobre o feminino, com uma percentagem de 92.4% (208 casos) e 7.6% (17 casos) respectivamente.

(iii) Estado Civil

O estado civil dos incendiários portugueses é também objeto de análise e divulgação, a maioria são solteiros (16 casos, equivalente a 7.1%), existindo 5 casados, um viúvo e um divorciado, sendo que em 202 casos não existe informação relatada por parte dos *media*.

(iv) Situação profissional

Relativamente à situação profissional verifica-se que os dados se encontram muito próximos, deste modo, a profissão dos incendiários relatada com maior frequência por parte dos dois jornais em causa, enquadra-se no setor dos trabalhadores agrícolas (pastores, madeireiros, agricultores), nomeadamente 46 casos (20.4%), seguindo-se os desempregados com 45 casos (20%). Os operários de construção civil também entram nesta categoria, sendo reportados 18 casos (8%), seguindo atrás, os reformados (12-5.3%), os bombeiros (7-3,1%). Trabalhadores da função pública, estudantes e trabalhadores não qualificados (p.ex empregados de balcão) apresentam-se em pé de igualdade, com 3 casos cada um (1,3%) e por fim, domésticos (2- 0,9%). Em 86 casos as notícias não possuem informação necessária para preencher este campo.

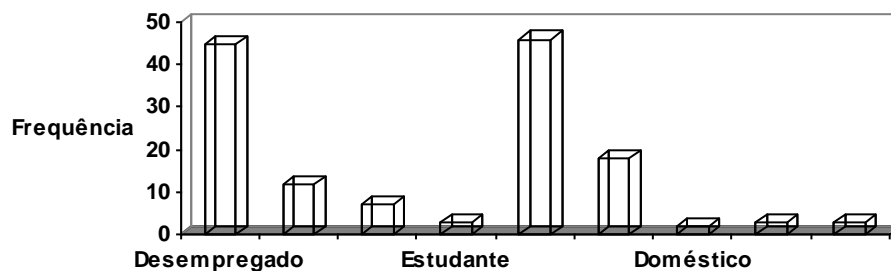


Figura 8: Situação profissional mencionada pelos *media*

(v) História clínica

Em 225 casos analisados, só 5 possuem informação sobre esta variável, assim a história clínica dos sujeitos em causa remete-se apenas a transtornos mentais.

(vi) História criminal

Na história criminal, 26 casos, correspondentes a 11,6 % não apresentam registo criminal, contrastando os 13 casos e outros 6 de incêndio e agressão, respetivamente. Para a variável em causa existem 180 casos sem informação.

(vii) Local do incêndio

Segundo os jornais citados neste trabalho, apontam que os alegados incendiários ateam fogo na floresta (206 casos – 91,6%), sendo os restantes em terrenos agrícolas (19 – 8,4%)

(viii) Ignição

Para efeito do ponto anterior, 75 (33,3%) estes sujeitos recorrem primariamente a isqueiros para a perpetração do ato, seguindo-se fósforos, velas e por último a engenhos incendiários, como percentagens de 5,3% (12), 2,2% (5), 1,3% (3) respetivamente. Padecem 130 casos sem informação.

(ix) Horas de incêndios

As horas mais comuns para prática do crime, segundo os dados retirados das notícias, enquadra-se entre as 12-16horas com frequência de 19 casos (8,4%). Seguindo-se o período entre as 02h-06h (9 -4%), 22h-01h (7 – 3,1%), 17h-21h (6 – 2,7%), e por fim das 07h ate às 11h (2 – 0,9%). Existe um défice de informação de 182 casos.

(x) Motivação para os incêndios

Uma frequência de 35 casos (15,6%) indica que não existe motivo aparente para os sujeitos encetarem a prática de tal conduta, seguindo-se a ingestão de álcool (28 – 12,4%), a vingança (25 – 11,1%) e a excitação (20 – 8,9%) como causas consequentes. Como causas raras, apresenta-se a impulsividade (4 – 1,8%), o extremismo, isto é, condutas associadas a afirmação de poder político ou religioso, por exemplo e em caso único o possível lucro associado à conduta. Contudo verifica-se que ausência de informação desta variável em 110 casos, correspondendo a 48,9% dos casos.

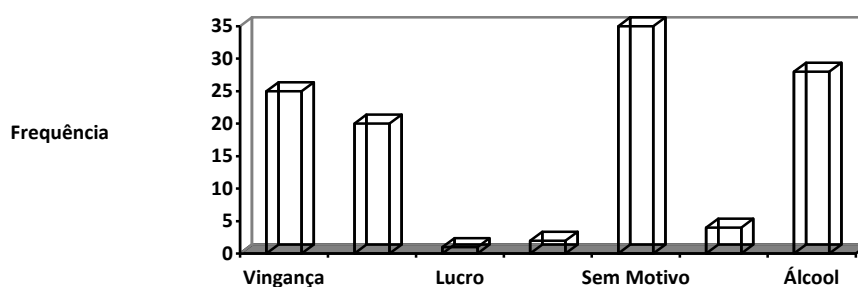


Figura 9: Motivação para os incêndios mencionada pelos *media*

(xi) Causas dos incêndios

Referentemente às causas dos incêndios, as intencionais são o maior foco da problemática, com dados a apontar para mais de metade dos casos, ou seja, 119 (52,9%). Segue-se a negligência como fator secundário, apontando para uma percentagem de 16,9% (38). Em 68 notícias não se obtém informação referente à análise em causa.

(xii) Abandono do local

Consignando o abandono do local, observa-se que os dados que as notícias nos fornecem são mínimos, 212 casos não existe informação, assim em 8 casos os incendiários não abandonam o local, confrontando com 5 casos que o fazem.

- **Qual a concetualização que o JN e o Cm fabricam do sujeito?**

Uns dos fatores de maior importância na elaboração deste trabalho, prende-se com a concetualização que os *media* usam na abordagem do sujeito.

Em 151 casos a palavra **suspeito** é a mais utilizada (67,1%), “detido homem de 77 anos suspeito de ter atado incêndio por vingança”, seguindo-se **presumível** (48 – 21,3%),

“GNR detém presumível incendiário em Vila Nova da Barquinha”. Através dos números reportados, nestas duas terminologias, verifica-se, em termos gerais um certo cuidado nos termos empregues pelos *media* na conceção do sujeito, deste modo possibilita uma certa salvaguarda na imagem transmitida para a população.

Contudo, **incendiário** constata-se em 15 casos (6,7%). Plasma-se que nem sempre as notícias usam o mesmo termo para notícias semelhantes, isto é, numa notícia definem o sujeito como incendiário, mas noutra muito semelhante reportam denominam o sujeito como suspeito. Em determinados casos usam o termo incendiário para indivíduos que já estejam em prisão preventiva, ou seja, já foram condenados por crime de incêndio florestal, como contrariamente, no desenvolvimento da notícia já referem o indivíduo como suspeito (título: “Incendiário espancado por populares”; Corpo da mesma notícia: “suspeito fez fogueira que causou um incêndio”).

A classificação de **Pirómano** é remetida a 2 casos (0,9%). Em ambos, os *media* afirmam que os sujeitos intitulados como pirómanos ateam o fogo por vingança e ódio respetivamente. Através da análise da literatura verifica-se que os pirómanos não ateam fogo por motivos de vingança. Averigua-se que nestes casos a conotação do sujeito não é a mais adequada e realista.

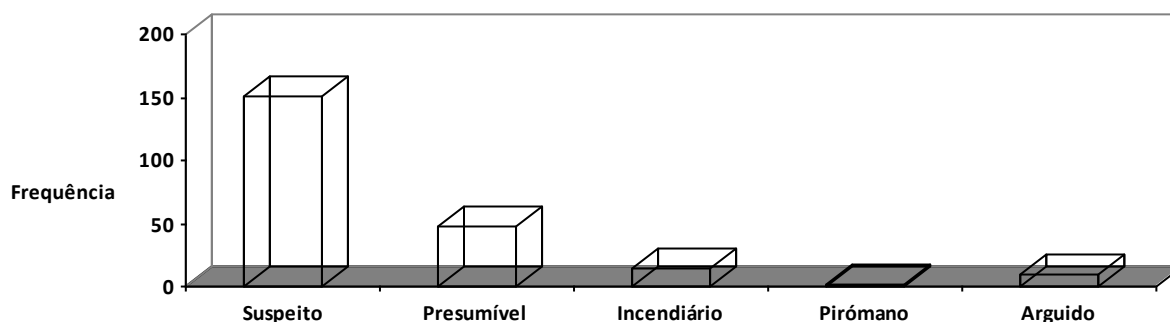


Figura 10: Conceção do sujeito mencionado pelos *media*

Por fim, o termo **arguido** é mencionado em 9 casos e todos eles remetem para casos de detenção e cumulativamente usam a denominação de **suspeito**. (“a mulher (...) é suspeita (...). A arguida possui antecedentes de internamento hospitalar compulsivo por anomalia

psíquica”. “o suspeito, reformado, ficou sujeito às medidas de coação (...) o arguido não tem antecedentes policiais nem criminais”.

Elaborando uma equiparação dos dois jornais é possível observar que a palavra “suspeito” é usada 75 vezes pelo Correio da Manhã, e o Jornal de Noticias referencia a mesma apenas mais uma vez. Quanto ao termo presumível, existe uma maior discrepância entre ambos os jornais, assim o primeiro jornal em questão usa 13 vezes este termo, por contrariedade o outro jornal faz uso do mesmo 35 vezes. Arguido, incendiário e pirómano são os termos menos usados e os mais constantes entre as duas fontes de informação escrita. Em relação ao primeiro, é repetido 5 vezes pelo CM e 4 vezes pelo JN. Incendiário 9 e 6 vezes respetivamente e por fim, pirómano é usado apenas pelo CM em duas vezes.

Concetualização do sujeito por jornal						
	<i>Suspeito</i>	<i>Presumível</i>	<i>Arguido</i>	<i>Incendiário</i>	<i>Pirómano</i>	<i>Total</i>
<i>CM</i>	75	13	5	9	2	104
<i>JN</i>	76	35	4	6	0	121

Tabela 11: Concetualização do sujeito pelos diferentes jornais

- **Através dos danos fornecidos pelos jornais é possível obter um “perfil” geral do incendiário?**

Através de todas as variáveis, mencionadas anteriormente pelos *media*, e as suas frequências é possível elaborar um “perfil” do incendiário, assim:

Homem, entre os 20 e os 35 anos, solteiro, com transtornos mentais, atua no setor agrícola, com ausência de história criminal. Ateia fogos na floresta com recurso a isqueiro como fonte de ignição entre as 12h e as 16 horas, sem motivo aparente para perpretação de tal ato, mantendo-se no local.

<i>Variáveis</i>	<i>Perfil</i>	<i>Frequência (Nº de casos - %)</i>	<i>Sem informação</i>
------------------	---------------	-------------------------------------	-----------------------

<i>Idade</i>	<i>20-35 Anos.</i>	<i>70 - 31.1%</i>	<i>9 - 4%</i>
<i>Género</i>	<i>Masculino</i>	<i>208 – 92, 4%</i>	<i>0</i>
<i>Estado Civil</i>	<i>Solteiro</i>	<i>16 - 7.1%</i>	<i>202 - 89,8%</i>
<i>Situação Escolar</i>	<i>0%</i>	<i>-----</i>	<i>225 - 100%</i>
<i>Situação Profissional</i>	<i>Trabalhadores agrícolas</i>	<i>46 - 20.4%</i>	<i>86 - 38.2%</i>
<i>História Clínica</i>	<i>Transtornos Mentais</i>	<i>5 - 2.2%</i>	<i>219 - 97.3%</i>
<i>História Criminal</i>	<i>Nenhuma</i>	<i>26 - 11.6%</i>	<i>180 - 80%</i>
<i>Local do incêndio</i>	<i>Floresta</i>	<i>206 - 91.6%</i>	<i>0%</i>
<i>Ignição</i>	<i>Isqueiro</i>	<i>75 - 33%</i>	<i>130 - 57.8%</i>
<i>Horas do Incêndios</i>	<i>12h-16h</i>	<i>19 - 8.4%</i>	<i>182 - 80.9%</i>
<i>Motivações para os incêndios</i>	<i>Sem motivo</i>	<i>35 - 15.6</i>	<i>110 - 48.9%</i>
<i>Causas dos incêndios</i>	<i>Intencionais</i>	<i>119 - 52.9%</i>	<i>68 - 30.2%</i>
<i>Abandono do local</i>	<i>Não</i>	<i>8 - 3.6%</i>	<i>212 - 94.2%</i>

Tabela 12: perfil geral do incendiário e as respetivas percentagens das variáveis

- **As características mencionadas pelos *media* vão ao encontro do perfil traçado “do incendiário português”?**

<i>Variáveis</i>	<i>Perfil segundo as variáveis dos media</i>	<i>Perfil geral do incendiário português</i>
<i>Idade</i>	<i>20-35 Anos</i>	<i>20-35 Anos</i>

<i>Sexo</i>	<i>Masculino</i>	<i>Masculino</i>
<i>Estado Civil</i>	<i>Solteiro</i>	<i>Solteiro</i>
<i>Situação Escolar</i>	<i>0%</i>	<i>Analfabeto/1º ciclo</i>
<i>Situação Profissional</i>	<i>Trabalhadores agrícolas</i>	<i>Trabalhador não qualificado</i>
<i>História Clínica</i>	<i>Transtornos Mentais</i>	<i>----</i>
<i>História Criminal</i>	<i>Nenhuma</i>	<i>Nenhuma</i>
<i>Local do incêndio</i>	<i>Floresta</i>	<i>Florestas</i>
<i>Ignição</i>	<i>Isqueiro</i>	<i>Velas, fósforos e isqueiros</i>
<i>Horas do Incêndios</i>	<i>12h-16h</i>	<i>----</i>
<i>Motivações para os incêndios</i>	<i>Sem motivo</i>	<i>-----</i>
<i>Abandono do local</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>
<i>Cena do crime/distância da residência do indivíduo</i>	<i>----</i>	<i>Próxima</i>
<i>Relação ofensor/vítima</i>	<i>----</i>	<i>Desconhecidos</i>

Tabela 13: Comparação do “perfil dos media” e o perfil do “incendiário português”

Através da observação da tabela verifica-se semelhanças entre vários pontos dos dois perfis: sexo, a idade, o local do incêndio, o estado civil e a história criminal dos sujeitos em ambos os perfis são os mesmos. Em contrapartida confirma-se, através do mesmo método de observação da tabela supramencionada características antagónicas, enquanto no “perfil dos media” exerce profissão no setor agrícola, o perfil português enquadra-se nos trabalhadores não qualificados, como por exemplo, empregados de mesa. Relativamente ao modo de ignição, os primeiros recorrem preferencialmente a isqueiros, não abandonando o local, em contrapartida os segundos alargam os seus meios de perpetuação do crime, a velas, fósforos e sem descorar os isqueiros também, retirando-se do local do crime. Importa salientar, a falta da existência de determinadas variáveis nos dois perfis. No perfil elaborado pela informação

difundida pelos media, não existe em nenhum caso qualquer menção à escolaridade do sujeito, não existe também conhecimento da relação com a ofensor/vítima no caso de existir, bem como a cena do crime/distância da residência do individuo. Em contrabalanço, o perfil português contém esta mesma informação, assim são sujeitos analfabetos ou com o primeiro ciclo de instrução, são desconhecidos para a vítima e vice-versa e ateiam fogo próximo da sua residência. A história clínica, as horas dos incêndios e as motivações para os mesmos não fazem parte do perfil estipulado para o individuo português, mas os media fornecem informação suficiente para categorizar estas variáveis. São indivíduos que padecem de transtornos mentais, ateiam fogo sem motivo entre as 12h e as 16horas.

- **Quais são as estáticas oficiais deste tipo de crime?**

	2012		2013		2014	
Condenados	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
	25	2	20	1	35	1
Crimes Registrados	9.333		9.296		4.843	
Suspeitos Identificados	1.012		938		752	
Total de Notícias	<i>CM</i>	<i>JN</i>	<i>CM</i>	<i>JN</i>	<i>CM</i>	<i>JN</i>
	58	30	34	53	14	16

Tabela 14: Estatísticas criminais do crime de incêndio florestal e total de notícias de ambos os jornais

No ano de 2012, foi o ano onde se registaram uma maior incidência crimes de incêndio florestal, perfazendo um total de 9.333. Verifica-se que, desde então ocorreu um decréscimo deste número, assim no ano 2013 registaram-se 9.296 e em 2014, 4.843 crimes respetivamente. No que concerne aos suspeitos identificados pelo mesmo ilícito, a tendência é a mesma, ou seja no ano de 2012, existe um maior de suspeitos identificados, balizando-se nos 1.012, enquanto no ano de 2013 foram registados 938 suspeitos e por fim, em 2014, 752 suspeitos.

No entanto, e contrário ao que seria de esperar, o maior volume de condenações fixa-se no ano de 2014 com 35 homens e 1 mulher a serem condenados. Em 2013 foram condenados 20 homens e 1 mulher. E no ano de 2012 25 homens e 2 mulheres. Os jornais estipulados para a elaboração deste estudo foram o Correio da Manhã e Jornal de Notícias,

tendo saído o menor número de notícias no ano de 2014 com um total de 30 notícias. E, nos de 2012 foram difundidas 88 notícias 2013 saíram 87, totalizando 205 notícias no período de 2012-2014.

Parte IV: Discussão dos Resultados

O estudo em questão teve como objetivo central e prioritário alcançar o discurso utilizado pelos meios de comunicação social, nomeadamente meios de comunicação escrita, sobre os (alegados) incendiários em Portugal. Através de todo este processo, conseguimos reunir todas as (i) características mencionadas pelos meios sobre os sujeitos, (ii) o modo como os *media* os intitula, (iii), construção do “perfil” dos incendiários dos *media* e consequentemente a sua (iv) comparação com o perfil já existente e estipulado do incendiário português e por fim, a constatação das (v) estatísticas oficiais do crime de incêndio florestal.

(i) Características mencionadas pelos meios sobre os sujeitos

Os incêndios florestais são dos fenómenos mais mediáticos em Portugal, pois é um acontecimento que pela sua destruição feroz, motiva a sociedade a procurar informação. Deste modo, os *media*, na sua ansia de obter essa mesma informação com o intuito de a difundir para os seus leitores, assimilam um vasto conjunto de atributos aos sujeitos que compõe a peça. Como constatado anteriormente foram constituídas determinadas categorias, que só foram possíveis de existir pela informação fornecida pelos *media*, são elas a idade, o estado civil, situação profissional, história clínica e criminal, local do incêndio, ignição, horas dos incêndios, motivações para os mesmos, as causas dos incêndios, se existe abandono do local e a concetualização do sujeito, isto é, como o denominam (suspeito, presumível, arguido, incendiário e pirómano). Contudo, pela análise feita às notícias que compõe este estudo apurar-se que a informação não é constante em todas as notícias e que algumas delas pecam pela falta de informação. Em nenhuma notícia analisada refere a situação escolar dos indivíduos, por este motivo não é possível a sua classificação e consequentemente englobar esta característica no perfil. O estado civil (89,9%), a história clínica (97,3%), a criminal (80%), as horas que os incêndios são ateados (80,9%) e se o sujeito abandona o local (94,2%) são outras variáveis que carecem de informação constante em todas as notícias. Em contrapartida todas as notícias possuem informação para concetualizar o sujeito, bem como o local de incêndio, o sexo e a

idade do sujeito. Em suma, verifica-se uma determinada falta de rigor e consistência nas informações transportadas para os consumidores de informação.

(ii) Concetualização dos sujeitos segundo os *media*

Como verificado anteriormente, os termos usados com maior frequência para denominar o sujeito são **suspeito** e **presumível**.

Contudo, verifica-se em algumas notícias uma discrepância entre o título da mesma e o seu conteúdo, ou seja, utilizam um título apelativo (“incendiário detido pela PJ”) mas no corpo da notícia já o intitulam apenas como suspeito. Assim, o termo suspeito e incendiário é usado com o mesmo significado, pois na mesma notícia usam ambas as denominações.

A conotação de pirómano é utilizada apenas duas vezes. Fazendo a análise de uma das notícias: “Pirómano da ilha foi solto pelo juiz: (...) foi indiciado pela autoria de dois incêndios (...) as provas indicavam que o arguido já o tinha feito pelo menos duas vezes antes e a postura demonstrada após a detenção não mostrou arrependimento. (...) Só após acusação, e caso a mesma seja confirmada em instrução, é que vai para julgamento. (...) Segundo apurou o CM (...), tinha cadastro mas nunca tinha sido por fogo posto. (...) bebia em excesso e com regularidade. (...) Amontoava folhas na floresta e ateava-lhes fogo com um isqueiro. Depois, fugia para casa e assistia o combate às chamas. O motivo que estará na origem da sua atuação criminosa poderá ter sido o ódio que nutria pelos bombeiros. Há dez anos tentou candidatar-se a voluntário, na Calheta, mas foi recusado”.

Como referenciado anteriormente a piromania pode ser definida como uma “perturbação rara do controlo dos impulsos, caracterizada por um padrão contínuo de comportamentos incendiários de forma propositada por prazer, gratificação e libertação da tensão” (Almeida & Paulino, 2012, p.445). Estes sujeitos, ao contrário dos incendiários, não ateiam fogo por vingança. (APA, 2006,), contrastando no que é reportado na notícia supracitada. Para se afirmar que um sujeito é pirómano é necessário a realização de perícias para tal facto poder ser afirmado, ato que não se verificou neste caso específico.

Apesar de a maioria das notícias usar como termo preferencial, suspeito, existe incongruência e falta de rigor nos termos aplicados. Tal facto pode ser justificado por dois motivos: pela raridade de jornalistas especificados na matéria em questão (Saraiva 2008) e assim os factos e termos são aplicados através de opinião própria e não como um facto puro

(Pierre, 1997); e pela projeção e conseqüentemente cativação que um título apelativo pode causar, isto é, o título chama a atenção dos leitores.

Portanto, em várias notícias não se verifica uma consistência jornalística ao longo de toda a informação citada, sendo usados os mesmos termos para significados completamente opostos.

- (iii) Construção do “perfil dos *media*” e (iv) comparação com o perfil já existente e estipulado do incendiário português

Através da seleção de toda a informação e características que os *media* difundiram sobre (alegados/presumíveis) incendiários, entre os anos de 2012 e 2014, no Jornal de Notícias e no Correio da Manhã, foi possível criar um conjunto de variáveis e conseqüentemente um perfil do incendiário, permitindo deste modo ter uma visão global das características que esses meios enfatizam sobre os sujeitos em questão. O perfil foi obtido através das frequências dessas mesmas características, ou seja, a quantidade de repetições de particularidades que existem em todas as notícias que foram selecionadas. Os meios reportam que são homens solteiros, que se encontram numa faixa etária entre os 20 e os 35 anos, com transtornos mentais. Ateiam fogos entre as 12 e as 16 horas, com recursos a um isqueiro, sem motivo aparente para tal ato, mantendo-se no local do delito.

Como visto anteriormente existe escassez em determinadas variáveis, o que remete para que este perfil funcione apenas como um auxiliar de agregação de toda a informação recolhida em todas as notícias, facilitando assim uma visualização de todo o panorama que estes dois jornais nos fornecem.

Em contrapartida, através do estudo “Tipologias dos incendiários portugueses e as suas implicações para a investigação e estratégias de prevenção” elaborado pelo Instituto Superior da Polícia Judiciária e Ciências Criminais, foi produzido um perfil do incendiário português, que resultou de um estudo de um conjunto de variáveis relacionadas com o comportamento criminal, aspetos sociais, demográficos e questões foro psicológico e jurídico-penais de uma amostra de 452 incendiários detidos pela Polícia Judiciária entre 1995-2013 (Soeiro & Guerra). Resultou um conjunto de características, agora citadas: Homens, solteiros, idade entre os 20 e os 25 anos, são analfabetos ou possuem o primeiro ciclo. Usam velas, fósforos e isqueiros para atear fogos nas florestas, por norma perto do local de habitação, abandonando

de seguida o local. Não possuem qualquer relacionamento com possíveis vítimas e são trabalhadores não qualificados.

Fazendo uma comparação entre os dois perfis, é notória a ausência de determinadas variáveis no “perfil dos incendiários” resultante da falta de informação proveniente dos dois jornais consultados para a elaboração deste estudo. Contudo, a verifica-se determinadas compatibilidades em algumas variáveis, como o sexo, a idade, o estado civil e o local onde são ateados os incêndios.

(v) estatísticas reais do crime de incêndio florestal.

A consulta das estatísticas oficiais do crime de incêndio florestal, entre os anos de 2012 e 2014, e consequentemente comparação com o número de notícias reportadas nos mesmos anos, torna-se pertinente pelo fato de obter uma ideia geral do que é transmitido e o que realmente reportado, ou seja, onde os incendiários se situam, entre os media e a realidade.

A maior causa de ocorrência de incêndios florestais em Portugal está associada ao ato intencional, ou seja, é necessária a ação do Homem para o ato perpetrar. Através do Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas verifica-se que o número de incêndios nos últimos anos tem tendência a diminuir, essa mesma tendência é acompanhada naturalmente pela diminuição de crimes registados, sendo que se verifica uma redução de 4490 delitos registados entre 2012 e 2014. Consequentemente, o número de suspeitos identificados encurta também, diferindo nos intervalos dos anos em 260 suspeitos identificados.

Importa analisar a diferença brusca entre suspeitos identificados e os crimes registados. No ano de 2012 existe uma discrepância destes dois valores de 8321 casos, sendo que os anos seguintes caminham todos na mesma proporção. Pode ser retirado como ilação que o crime de investigação criminal é dos mais difíceis de provar, pois é necessário uma rápida intervenção dos meios para o ponto de deflagração não se expandir em demasia, facilitando assim a delimitação da área de eclosão (Bento- Gonçalves et al, 2007).

Referente ao número de condenações, o quadro geral, torna-se preocupante, pois o numero de condenados é muito inferior ao número se suspeitos identificados. Assim no ano de 2012 foram condenados apenas 27 sujeitos e no ano de 2013, 21. No entanto, e contrário ao que seria de esperar, em comparação ao número de incêndios que diminui para metade

neste ano, o maior número de condenações verificou-se no ano de 2014 com 35 homens e 1 mulher a serem condenados.

Pode-se levantar a hipótese que a IC neste tipo de crime poderá estar a produzir resultados face ao aumento de condenados no ano de 2014. Através dos mesmo dados é possível constatar que o número de notícias encontra-se mais aproximado do número de condenados, do que o número de crimes registados ou até mesmo de suspeitos identificados.

Conclusão

O presente estudo teve como objetivo central a constatação das características dos incendiários reportados pelos *media*, incidindo na sua prevalência, de modo a constituir um aglomerado de atributos fornecidos pelos meios de imprensa escrita em questão, com o intuito de posteriormente comparar com o perfil do incendiário português elaborado pelo Instituto Superior da Polícia Judiciária e Ciências Criminais.

Através do enquadramento teórico elaborado na presente dissertação verifica-se que os *media* são os meios pelos quais toda a informação e acontecimentos são difundidos e direcionados para o público. Assim, por os incêndios florestais, constituírem um fenómeno de elevada destruição, provocam o medo e o pânico na população, sendo que estes últimos procuram nos *media* toda a informação e atualização do facto em causa.

Segundo Castilho (2008) são apontadas três principais causas relativas à elevada atenção dispensada pelos meios de comunicação social sobre este fenómeno: o período crítico dos incêndios baliza-se nos meses de Verão, logo o maior leque de notícias dispensados pelos *media* centra-se nesse assunto, sofrendo uma redução drástica nos meses consequentes; os incêndios possuem um grande poder visual, mesmo que se trate de um incêndio de reduzidas dimensões, a projeção que lhe é dada é bastante atrativa; e por fim, são raros os jornalistas especializados em matéria de meio ambiente que possam escrutinar em profundidade toda a informação, assim o tratamento jornalístico sobre os incêndios florestais é projetado como uma transmissão de eventos.

Segundo a Proteção Civil, os incêndios florestais são das catástrofes com maior gravidade no nosso país, sendo que a maioria da catástrofe em questão é provocada pelo Homem. Contudo verifica-se que nos anos mais recentes, em Portugal continental o número de ocorrências tem diminuído.

Através da prevalência das características mencionadas pelos *media* é possível agrupar todos os atributos do sujeito, assim está em causa um homem, entre os 20 e os 35 anos, solteiro, com transtornos mentais, atua no setor agrícola, com ausência de história criminal. Ateia fogos na floresta com recurso a isqueiro como fonte de ignição entre as 12h e as 16 horas, sem motivo aparente para perpetração de tal ato, mantendo-se no local do crime.

Relativamente à associação entre os pontos dos dois perfis: sexo, a idade, o local do incêndio, o estado civil e a história criminal dos sujeitos em ambos os perfis são os mesmos. Em contrapartida, confirma-se características antagónicas, como situação profissional, métodos de ignição e abandono do local.

A conceção do sujeito prende-se com o termo suspeito, usada em 67,1% dos casos, seguindo-se o conceito de presumível. Através destes dados verifica-se, em termos gerais um certo cuidado nos termos empregues pelos *media* na conceção do sujeito, deste modo possibilita uma certa salvaguarda na imagem transmitida para a população.

A consulta das estatísticas oficiais do crime de incêndio florestal, entre os anos de 2012 e 2014, e conseqüentemente comparação com o número de notícias reportadas nos mesmos anos, torna-se pertinente pelo fato de obter uma ideia geral do que é transmitido e o que realmente reportado, ou seja, onde os incendiários se situam, entre os *media* e a realidade.

A maior causa de ocorrência de incêndios florestais em Portugal está associada ao ato intencional, ou seja, é necessária a ação do Homem para o ato perpetrar. Como já verificado anteriormente o número de incêndios em Portugal tem vindo diminuir, essa mesma tendência é acompanhada naturalmente pela diminuição de crimes registados, sendo que se verifica uma redução de 4490 delitos registados entre 2012 e 2014. Conseqüentemente, o número de suspeitos identificados encurta também, diferindo nos intervalos dos anos em 260 suspeitos identificados.

Importa referenciar a diferença brusca entre suspeitos identificados e os crimes registados. Pode ser retirado como conclusão que o ilícito em é dos mais difíceis de provar.

Referente ao número de condenações, o quadro geral, torna-se preocupante, pois o numero de condenados é muito inferior ao número se suspeitos identificados. Contudo, no ano de 2014, que corresponde ao ano com menos incêndios para o estudo em questão, e contrário ao que seria de esperar, é o ano com mais condenações, com 35 homens e 1 mulher a serem condenados.

Pode-se levantar a hipótese que a IC neste tipo de crime poderá estar a produzir resultados face ao aumento de condenados no ano de 2014. Através dos mesmo dados é possível constatar que o número de notícias encontra-se mais aproximado do número de condenados, do que o número de crimes registados ou até mesmo de suspeitos identificados.

Referências Bibliográficas

- Amado, J. S (2000). *A técnica de análise de conteúdo*. *Revista Referencia*, 5, 53-63
- Almeida, C. P. (2009). *Código Penal*. (Almedina, Ed.) (4^o Edição).
- Almeida, F., & Paulino, M. (2012). *Profiling, Vitimologia e Ciências Forenses: perspectivas atuais*. (Pactor, Ed.).
- ANPC. (2015). Autoridade Nacional de Proteção Civil. Retrieved from <http://www.prociv.pt/>
- Bento-Gonçalves, A., Lourenço, L., & Dias da Silva, J. (2007). Manifestação Do Risco De Incêndio Florestal, Causas E Investigação Criminal. *Territorium*, 14, 81–87.
- Braz, J. (2010). *Investigação criminal: a organização, o método e a prova: Os desafios da nova criminalidade*.
- Camia, A., Durrant, T., & San-Miguel Ayanz, J. (2013). Harmonized classification scheme of fire causes in the EU adopted for the European Fire Database of EFFIS, 1–51.
- Castillo, A. D. E. L. (2008). Incendiario o pirómano: claves para la determinación de la piromanía como causa de los incendios forestales. *Universidad de Cadiz*, 60. Retrieved from http://www.juntadeandalucia.es/justicia/portal/adriano/.content/recursosexternos/formacion_juecesVincadopiro.pdf
- Castro, C. F. De, Serra, G., Parola, J., Reis, J., Lourenço, L., & Correia, S. (2003). *Combate a incêndios florestais* (Vol. XIII).
- Chisum, W. J., & Turvey, B. E. (2011). *Crime Reconstruction* (Second Edi).
- Departamento de Gestão de Áreas Classificadas Públicas e de Proteção Florestal. (2013a). ANÁLISE DAS CAUSAS DOS INCÊNDIOS FLORESTAIS - 2003 - 2013. *ICNF*, 2013. Retrieved from <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/relat/relat-causa-incendios-2003-2013>
- Departamento de Gestão de Áreas Classificadas Públicas e de Proteção Florestal. (2013b). *Relatório Anual de Áreas Ardidas e Incêndios Florestais em Portugal Continental*. Retrieved from <http://www.icnf.pt/portal/florestas/dfci/Resource/doc/rel/2013/rel-anual-13.pdf>
- Flick, U (2002). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa:Monitor
- Holmes, R. M., & Holmes, S. T. (2009). *Profiling Violent Crimes : an investigative tool* (Fourth Edi).
- Kocsis, R. N. (2010). *Criminal Profiling*.

- Konvalina-Simas, T. (2012). *Profiling Criminal: Introdução à Análise Comportamental no Contexto Investigativo*.
- Mesquita, M. (2003). *O quadro equívoco : o poder dos media na sociedade contemporânea* (Minerva Co).
- Pierre, S. (1997). *Mass Media* (Celta).
- Rieffel, R. (2003). *Sociologia dos Media*. (P. Editora, Ed.).
- Schmuck, G., San-Miguel-Ayanz, J., Camia, A., Houston Durrant, T., Boca, R., Libertá, G., ... Kisa, A. (2014). *Forest Fires in Europe, Middle East and North Africa 2013* (Vol. 26791). doi:10.2788/99870
- Soeiro, C., & Guerra, R. (2014). Forest Arsonists: Criminal Profiling and its Implications for Intervention and Prevention. *European Police College: CEPOL*, (11), 34–40. Retrieved from <https://www.cepol.europa.eu/science-research/european-police-science-and-research-bulletin>
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: o processo de construção do conhecimento*. (E. Sílabo, Ed.).